

Performances de Arte Corporal: Entrevista com Luciano Iritsu e Almir da Silva Pinheiro

Lilian de L. Torres



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1323>

DOI: 10.4000/pontourbe.1323

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 1 Julho 2012

Refêrencia eletrónica

Lilian de L. Torres, « Performances de Arte Corporal: Entrevista com Luciano Iritsu e Almir da Silva Pinheiro », *Ponto Urbe* [Online], 10 | 2012, posto online no dia 25 julho 2014, consultado o 03 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1323> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1323

Este documento foi criado de forma automática no dia 3 Maio 2019.

© NAU

Performances de Arte Corporal: Entrevista com Luciano Iritsu e Almir da Silva Pinheiro

Lilian de L. Torres

- 1 Photo Gallery Joomla Extension
- 2 Luciano Iritsu, nascido em 1978, entrou em contato com o piercing pela primeira vez em 1998 através de Gabriel Estevão (Spectrum). Viajou pelo Japão e pela Inglaterra e, ao retornar ao Brasil, em 2001, fez um curso com André Fernandes. Em 2002 foi ao Japão novamente, onde participou de várias convenções no campo da Body Art nas cidades de Kyoto, Toyohashi e Nagano. Voltou ao Brasil em 2005 e abriu as portas de seu Studio em São Paulo, Iritsu Tatoo Shop, localizado na Rua Cardeal Arcoverde, 520, em Pinheiros. Foi o idealizador da primeira CONSCAR (Convenção de Escarificação), em 2006, e, juntamente com Thiago Soares, do primeiro FRRRKCON, em 2008, evento na área de Modificação Corporal. Em 2010, a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo convidou Luciano Iritsu para organizar o primeiro palco de Arte Corporal na Virada Cultural. Este ano, localizado no cruzamento entre as ruas 24 de Maio e Dom José de Barros, o palco Arte Corporal completou sua terceira edição.
- 3 Almir da Silva Pinheiro (Mirs Monstrengo) cursou Artes Visuais na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, onde também desenvolveu estudos sobre cultura indígena. Mandalas, monstros e rosas movimentam-se pelo universo deste artista, que iniciou sua carreira em 1998 grafitando os muros da cidade de Campinas. Nas ruas, Almir usa as técnicas do stencil e do kirigami (de kiru, “recortar”, e Kami, “papel”). Atualmente faz experimentações com resinas, poliuretano e objetos diversos. Inspira-se em artistas como Yves Klein, Pierre Arman e Artur Bispo do Rosário, produzindo assemblages, arte efêmera e performances a partir de rosas naturais. Este ano, na Virada Cultural de São Paulo, realizada entre os dias 5 e 6 de Maio, Almir Pinheiro apresentou, no palco Arte Corporal, a performance “Pra Quem Você Dá, Amor?” da série Amores.
- 4 PU: Para iniciar a entrevista, vamos resgatar suas experiências na Virada Cultural de anos anteriores - 2010 e 2011. Como você avalia estes eventos?

- 5 Luciano Iritsu: Por estar dentro, a gente não percebe a quantidade de coisas que realiza e, também, que muitas pessoas já estão olhando para nosso trabalho faz tempo. Eu mesmo não percebia certas coisas. A Adriane Gomes, que fez a performance *O Bicho* na Virada Cultural este ano, conversou comigo sobre a importância que o palco de arte corporal vem tendo desde 2010. No campo da arte corporal no Brasil não existia uma abertura do governo para a performance artística.
- 6 PU: Como aconteceu o convite para organizar o palco Arte Corporal na Virada Cultural de 2010?
- 7 Luciano Iritsu: Na verdade, tenho um projeto que vem sendo desenvolvido há alguns anos. Morei e trabalhei no Japão, mas antes de ir para lá já tinha contato com o meio de tatuagem e piercing daqui. Na época era amigo do primeiro fabricante de piercing no Brasil. Fui pela primeira vez ao Japão em 1996, com 17 anos. Nestas idas e vindas aprendi a fazer piercing. No Japão troquei informações, fui a convenções, conheci profissionais. Montei a loja (Iritsu Tattoo Shop) em 2005 neste endereço. Sou da segunda geração do piercing do Brasil. Como tinha amigos da primeira geração, aprendi que do piercing surgiram outras coisas e um leque se abriu para mim. Quando voltei para o Brasil queria rever o pessoal, mas era difícil porque na época as convenções eram muito grandes e não dava para se encontrar. Uma das vertentes que se originaram do piercing foi a escarificação, feita com lâminas cortantes. Há também o branding, a suspensão e os implantes. Então, começou a abrir. Em 2006, organizei um evento chamado CONSCAR, uma convenção de escarificação. Conversando com um amigo, percebi que faltava um evento voltado para o pessoal do meio da modificação corporal. A gente não tinha um lugar onde se encontrar para trocar informações. A convenção de tatuagem era muito grande e mesmo o pessoal do meio de tattoo não reconhecia a modificação corporal como arte. Teve uma época de boom de piercing, quando os tatuadores faziam piercing só por causa da grana, não pelo conhecimento ou por gostarem. Como eu gostava muito da área, acabei organizando o CONSCAR. Foi no mesmo final de semana da convenção de tatuagem, porque sabia que viria muita gente para cá. Convidei alguns profissionais e nos reunimos aqui na loja. Na verdade, é o único evento de escarificação da América Latina. Existe um evento como este também nos Estados Unidos. Na época entramos em contato com eles, mas como não conheciam os profissionais daqui não vieram. Foi o primeiro evento de escarificação da América Latina. Fiz isto em 2007 também, e repeti em 2009. Em 2007 conheci o Thiago Soares (T. Angel), que é historiador e desenvolve alguns projetos de modificação para o corpo dele. Ele tem um site chamado FRRRKGUYS, que é um dos maiores do mundo de informações sobre modificação corporal. Ele veio cobrir, em 2007, o CONSCAR. Conheci, através dele, outro lado da modificação corporal, o lado acadêmico e artístico. A Beatriz Ferreira Pires, da UNICAMP, escreveu o livro "O corpo como suporte da Arte". Participei do segundo livro dela, "Corpo inciso, vazado, transmudado: inscrições e temporalidades". Comecei a entender que a modificação corporal se abria para mais vertentes, como a performance. Convidei o Thiago para fazer o primeiro FRRRKCON, em 2008, um evento de modificação. FRRRKCON por causa da palavra inglesa freek e, também, do site dele, o FRRRKGUYS. Tinha bandas, rituais, exposição fotográfica, exposição de telas de tatuadores, palestras. Foi numa antiga balada que havia na Avenida Henrique Schaumann. O CONSCAR voltou em 2009, no começo do ano. Ainda em 2009 fiz o segundo FRRRKCON, mais enxuto. Passei algumas performances aqui para o estúdio. Aconteceram palestras e uma exposição fotográfica. Uma parte do evento foi no Inferno, uma balada na Rua Augusta, no mesmo final de semana da convenção de tatuagem. Levei

também o FRRRKSHOW para o Inferno, onde tatuadores pintaram telas e algumas pessoas fizeram suspensões.

- 8 A partir disso veio o convite da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo para, em 2010, fazer a Virada Cultural. Ainda me espanto com a forma como tudo aconteceu e com a repercussão destes eventos. Consegui abrir um espaço para as pessoas conhecerem uma arte diferente. Tudo que é novo gera estranhamento na sociedade, e se a gente não abrir espaço vem a discriminação. Quando apresento uma suspensão sempre ouço “ele está drogado para fazer isto”, “usou alguma coisa”. Ao contrário: a suspensão vai gerar uma reação no corpo que é natural. Você precisa sentir e entender o novo. Comecei a fazer estes eventos também pela necessidade de divulgar a informação.
- 9 PU: Como foi a participação na Virada Cultural de 2010? Vocês se apresentaram em um palco na rua, também?
- 10 Luciano Iritsu: Foi em um palco montado na Galeria Prestes Maia, que fica entre a Praça do Patriarca e o Vale do Anhangabaú. Este ano o QG da Virada Cultural ficou lá.
- 11 PU: No corredor subterrâneo, então?
- 12 Luciano Iritsu: No corredor não. Ali tem uma sala. Na Praça do Patriarca, você desce as escadas rolantes e mais um lance de degraus. Lá embaixo tem um espaço que é do MASP. Já houve uma exposição do Ayrton Senna lá.
- 13 PU: Foi, então, em um lugar fechado.
- 14 Luciano Iritsu: Sim, colocaram em um lugar fechado. Montei um stand de vidro por onde passaram 12 tatuadores durante as 24 horas da Virada Cultural. É muito surreal um Studio em pleno centro de São Paulo, com um monte de prédios. É uma experiência muito diferente a de estar no meio da rua. Quando começo a participar do projeto da Virada Cultural percebo que São Paulo é minha também. Às vezes, a gente anda para lá e para cá, mas não tem este sentimento. Só de andar na rua você faz parte disso tudo, mas o olhar para São Paulo em dias normais é diferente. Na Virada, São Paulo se abre e deixa um espaço na rua onde antes passava muita gente, passava carro, onde normalmente não é para ter aquilo, não é para mostrar o que a gente gosta de fazer. No fim de semana da Virada Cultural, São Paulo me abraça e tenho espaço para fazer aquilo de que gosto. Na verdade, as 24 horas se transformam em mais de 30 para mim, porque chego no sábado às 10 horas da manhã e vou sair no domingo às 10 horas da noite.
- 15 PU: Na Virada, você fica mais no palco, por fazer parte da organização, ou circula, conversa com as pessoas que estão na rua assistindo?
- 16 Luciano Iritsu: É muito difícil conseguir falar com as outras pessoas. Falo mais com quem me conhece. Tenho que colocar as coisas para funcionar. Há performances durante todo o tempo e preciso ver se está tudo pronto. Gostaria muito, porque depois vejo alguns vídeos com pessoas muito interessantes e até diferentes, que eu não imaginava que pudessem estar assistindo. Recebi uma foto de uma freira assistindo nosso palco. Coloquei até no meu Facebook. O que a gente faz é muito interessante, porque as pessoas estão curiosas. Como resultado, alguns gostam e outros não. Não podemos agradar a todos. Uma suspensão mexe de alguma forma.
- 17 Meu trabalho com performances foi sendo desenvolvido. No meu primeiro ano de Virada Cultural coloquei alguns artistas fazendo performances, mas não durante as 24 horas. Misturava as suspensões com uma banda. Mas era suspensão por suspensão: a intensidade era mais para quem estava sendo suspenso do que para a plateia. Mexe com o pessoal,

mas uma performance mexe com outras percepções. A suspensão vai além do gancho esticando a pele. Uma vez eu estava em uma festa de fetiche e percebi o quanto as pessoas gostam de ver as outras “sofrendo”.

- 18 Almir da Silva Pinheiro: Na Filosofia da Arte estudamos o grotesco. É o que existe, mas que não quero para mim. Sinto prazer em ver no outro.
- 19 Luciano Iritsu: Isto acontece com a suspensão. Às vezes a pessoa não quer olhar, mas tem a curiosidade porque sente que precisa olhar.
- 20 Almir da Silva Pinheiro: Para ver até onde vai. Isto aconteceu na minha primeira performance na Virada Cultural, em 2011. Esta performance é parte de uma série que faço com rosas. Não faço suspensão. Entrava no palco de uma forma tranquila, tirava tênis, boné, camiseta, celular e começava a me bater com 120 rosas, uma a uma. Era só isso. Terminavam as rosas, me vestia e saía. A obra era isso. As pessoas se perguntavam “mas, o que vai acontecer?”, “por que ele está fazendo isto?”. Não tinha antes nem depois. É algo repetitivo, que gera uma angústia nas pessoas.
- 21 PU: São rosas de que cor?
- 22 Almir da Silva Pinheiro: Vermelhas, sempre vermelhas.
- 23 PU: Qual é o conceito?
- 24 Almir da Silva Pinheiro: É uma série chamada *Amores*. A obra apresentada foi *Ascese amorosa*. *Ascese* é atingir a perfeição através da repetição. Onde está o lado prático? Temos um casal que se ama, mas um resolve romper. O outro fica tentando reatar. Liga, manda flores, diz que ama, que quer estar perto. Podemos ampliar esta situação concreta: é a tentativa de reconquistar o amor do outro para si. As tentativas frustradas vão virando outro sentimento, que não é mais amor. Pode virar agressão e até ódio. Esta foi minha primeira performance na Virada Cultural. Na plateia, as pessoas se perguntavam “o que ele fez para merecer isto?”. É uma situação que evoca o autoflagelamento, o contexto do cristianismo. Outros já percebiam que era algo poético. Visualmente é bonito. Há um tecido branco aberto. As rosas, inicialmente, estão todas espalhadas. Aí as junto, faço um maço gigante, sento do lado e começo a me bater. Troco de rosa quando percebo que ela se despetalou.
- 25 PU: Você se machuca?
- 26 Almir da Silva Pinheiro: Me arranho. Fiz esta performance três vezes: uma vez sozinho, para medir tempo, quantidade, tolerância à dor; depois para um grupo menor, em um curso que estava fazendo, quando criei a parte teórica da obra. Na terceira vez estava um pouco tenso, por ser São Paulo, Virada Cultural, ter muita gente. Sou de Campinas. Já me apresentei fazendo outras coisas de teatro.
- 27 PU: Sua preocupação era por estar na rua?
- 28 Almir da Silva Pinheiro: Tinha uma preocupação com o tempo, com a apresentação que viria depois da minha. Este ano foi totalmente diferente, não me preocupei.
- 29 Luciano Iritsu: No ano passado, o palco estava no Largo do Paissandu, no meio da praça, do lado contrário de onde ficamos este ano, que foi no cruzamento da Rua 24 de Maio com a Dom José de Barros.
- 30 Almir da Silva Pinheiro: Era literalmente aberto. Foi interessante, foi bonito, mas não me concentrei como deveria. Foi um erro meu, podia ter treinado.
- 31 PU: Sua falta de concentração se deu por você estar se apresentando na rua?

- 32 Almir da Silva Pinheiro: Acho que não. Por várias coisas. Por falta de concentração mesmo. Não devia ter me preocupado com o som, a filmagem. A dor era o mínimo. Este ano já foi totalmente performance.
- 33 Luciano Iritsu: Mas as pessoas não percebem. O mais importante de uma performance é a sensibilidade que é passada e o sentimento do público.
- 34 Almir da Silva Pinheiro: Até porque fiquei de costas para o público. Se a gente for analisar enquanto arte, enquanto performance, neste caso não estava frente a frente dialogando com o público. Meu diálogo maior era com o bombeiro que estava ali o tempo todo. Ele tirava o boné, coçava a cabeça, olhava para mim. Estava inquieto. Foram 45 minutos. 15 para me preparar, tirar tênis; o restante foi batendo as rosas. Tenho uma sugestão para a próxima Virada: seria interessante anunciar o artista e a performance que será realizada.
- 35 Luciano Iritsu: Em 2010 era para ter um anão apresentando, um anão tatuado. Ele ia trabalhar na Virada, mas não apareceu.
- 36 PU: Quais as diferenças entre 2010 e 2012?
- 37 Luciano Iritsu: Este ano enchi os horários só com performances. Inclusive uma performance sem perfurações. Minha área é a parte técnica de perfuração. Minha arte é feita com perfurações. Na Virada em 2010 e 2011 todas as performances tiveram perfurações. Até o lance da rosa que machuca a pele. Este ano, coloquei uma performance que mexeu com o corpo, era arte corporal, mas não machucava.
- 38 PU: Descreva-a para nós.
- 39 Luciano Iritsu: É um bailarino que dança burlesco. A performance dele chama-se *Seis*. São seis sentidos. Chegou dentro de um saco cheio de bexigas. Ficava se movimentando e o público não sabia quantas pessoas eram. Às vezes parecia que eram três cabeças. É uma performance que tem relação com o equilíbrio. Ele ficou dois dias sem comer para sentir fraqueza. Como chegou dentro de um saco com bexigas, não dava para saber o que era pé, o que era mão. Como às vezes se levantava com duas bexigas, parecia que eram três cabeças. Eu ouvia gente falando “nossa, mas tem quatro, cinco pessoas”, “quantas pessoas tem aí dentro?”. Aí ele começou a nascer. Estourou as bexigas e saiu daquilo. No palco tinha uma camada de farinha de trigo para ele se mexer ali. Tinha um tambor de água onde acabou entrando. Teve glitter no final. Mexeu com sensações e foi muito legal. É arte corporal. De 2010 para 2012 fui amadurecendo a ponto de, hoje em dia, achar que fazer uma suspensão pela suspensão é algo muito simples.
- 40 PU: Você quer dizer para a Virada Cultural?
- 41 Luciano Iritsu: Não, para tudo. Hoje em dia trabalho com suspensão mais como um espetáculo. Quem nunca viu uma suspensão vai sentir curiosidade: o artista se suspendeu; o espectador pensa “aquilo vai estourar”. Mesmo para quem está se suspendendo a cabeça funciona deste jeito: “não vou conseguir, vai doer mais, vai estourar, vai sangrar”. É tudo medo. Vai mexer da mesma forma com as pessoas que estão vendo. Vão gostar ou não. Mas se eu colocar outros elementos, o pessoal vai sentir mais curiosidade e quem estiver aberto vai perceber mais coisas. Então, um figurino, uma história, uma cenografia, uma música. Tudo isso pode influenciar. Da mesma forma que quando comecei a fazer piercing vi várias vertentes, peguei a suspensão e nela vi vários caminhos. Começou a se abrir um leque de variedades. A menina sobre a qual já falei, que é mestre em Artes do Corpo pela PUC, disse que quando o palco saiu, em 2010, o pessoal da universidade curtiu. Esse meio de performance também gostou muito, porque se abriu um espaço para a arte corporal no

Brasil. Estou falando o que ela disse, porque desconheço o meio. Tinha contato com o Thiago Soares, que é historiador, e com alguns performers. Então comecei a sair deste meio de modificação e migrar para arte corporal, com performance, som, figurino e mais conteúdo. Este ano a gente conseguiu fechar 24 horas com arte corporal mesmo.

42 PU: Você já tem algum projeto para a Virada de 2013?

43 Luciano Iritsu: Tenho. Quero fazer algo diferente, usar um guindaste com cabos de aço presos nos prédios.

44 PU: Você veio do meio da tatuagem e do piercing, participava de convenções. O pessoal da sua rede estava lá e, entre eles, há um tipo de sociabilidade, de troca de informações. Você tem um estúdio, que também é um espaço de sociabilidade e trocas. Cada espaço tem uma dinâmica. Mas e a rua? São só 24 horas, mas 24 horas de muita intensidade, muito trânsito e muita diversidade. Você tem uma freira, mas ao mesmo tempo uma família. Há também mudanças de acordo com os horários. A Virada começa às seis horas da tarde do sábado e, neste horário, há um ritmo diferente do de outros horários. Como estes diferentes públicos interagiram com vocês?

45 Luciano Iritsu: Vou falar desde a primeira Virada da qual participei, em 2010. Na primeira, eu não tinha esta visão tão abrangente quanto às diferenças de horário, de público, até porque ficamos em um lugar fechado. Não vi nem o sol!

46 PU: Como foi feita a divulgação deste palco?

47 Luciano Iritsu: A mídia teve um papel importante. A Virada estava apenas começando quando recebi uma mensagem de um primo dizendo que o UOL tinha colocado a suspensão do Superman na primeira página. Superman é um tipo de suspensão: você fica na posição de superman e os ganchos são presos nas costas e nas pernas. No ano seguinte teve a do Homem Aranha: a gente fez aquela cena em que ele está de ponta cabeça e a Mary Jane tira a máscara dele e o beija. Foi incrível a mudança em relação à apresentação que veio antes desta. O Thiago Soares tinha feito uma performance falando sobre homofobia. Foi muito pesado e tinha gente chorando. Não falou só de homofobia, mas de discriminação contra minorias. Aquilo estava muito intenso e muito triste, porque dá para sentir. Quando terminou ficou aquele clima. Aí o Homem Aranha entrou e subiu de cadeirinha: são ganchos nos joelhos e nas costas. Chegou um momento em que ele cortou e ficou de ponta cabeça. Tinha falado para a namorada dele, na hora em que ficasse de ponta cabeça, ir lá, tirar a máscara e beijá-lo como na cena do filme. Assim, depois daquela coisa triste, a gente colocou o pessoal para cima e deixou todo mundo feliz. Quem ficou para assistir, claro. O gancho passou a ser mais um detalhe. Isto foi no Largo Paissandu em 2011.

48 PU: Voltando à pergunta sobre as diferenças de horário e de público durante a Virada.

49 Luciano Iritsu: Então, em 2010 a gente ainda não tinha muita experiência. No segundo ano, a organização foi de acordo com a intensidade: a gente já sabia que, a partir das seis da tarde do sábado até umas quatro, cinco da manhã do domingo, ia aparecer um público muito novo, de balada, que estaria lá para beber. Colocamos o que era mais intenso durante a madrugada, para acender o pessoal. Quando começa a amanhecer dá uma diminuída. No ano passado, o Homem Aranha foi às três horas da tarde do domingo, porque muda o público. Então, esta experiência a gente não tinha em 2010. Em 2011 deu para perceber porque a gente estava no meio da rua. E, em 2011, a Virada Cultural caiu em um Domingo de Ramos. A gente estava no Largo Paissandu e ia ter uma missa de

ramos ali na igreja. Nesta hora a gente colocou um ritual hindu, o Kavadi. A gente juntou dois rituais religiosos de culturas diferentes.

50 PU: Como foi este ritual?

51 Luciano Iritsu: É um ritual em que é colocada uma estrutura de aço no corpo da pessoa com umas lanças que vão só encostar-se à pele, na frente do corpo e atrás. Estas lanças, conforme a respiração e o andar, vão penetrando. É uma forma de transcendência, de chegar mais próximo do Senhor Marugan (pai de Shiva e Kali). O Peco é o único artista que faz este tipo de trabalho no Brasil. Ele é de Campinas. Foi montada uma estrutura no palco, com som de mantra e, na hora da missa, ele deu duas voltas ao redor da igreja. A gente usou o espaço da praça. Energias de rituais de duas religiões se misturando ali. Todo mundo tranquilo, foi de manhã. As pessoas que estavam ali já eram mais abertas. Era outro público. O público da noite, da intensidade, das drogas tinha ido embora. Eram famílias.

52 PU: Mesmo havendo lanças, algo que remetia a ferimentos, não houve reações contrárias?

53 Luciano Iritsu: Não passava agressividade porque havia adornos de flores, frutas, que faziam parte do ritual. Ele estava vestido de uma forma diferente, com saia. Aquilo gerou curiosidade.

54 PU: E é interessante ver que vocês saíram do palco e ocuparam o espaço da praça.

55 Luciano Iritsu: A última performance foi inspirada em rituais funerários indígenas. A artista fez uma homenagem ao seu avô. Tocavam tambor e deram uma volta ao redor de igreja também. Um músico improvisava e criava uma ambientação sonora enquanto a performance ocorria. Foi muito intenso e várias pessoas saíram chorando.

56 PU: Você já participou de outros eventos na rua?

57 Luciano Iritsu: Este ano houve o Festival do Baixo Centro, com intervenções urbanas feitas nas áreas de Santa Cecília e da Praça Marechal Deodoro. Convidaram o Thiago Soares, que criou a performance *Onde vivem os sonhos* para moradores de rua - mendigos, pessoas que moram embaixo de pontes. O objetivo era fazer uma suspensão embaixo do Minhocão, mas retiraram os ganchos que tínhamos preparado. Fomos, sem avisar ninguém, para a Praça Marechal Deodoro e colocamos os cabos em uma árvore. Fizemos uma suspensão e uma apresentação musical com gongos. No final desta performance, um mendigo foi abraçar o Thiago. Já fiz uma suspensão no Metrô, dentro do vagão. Como ocorre no grafite e na pichação, também fazemos intervenções na cidade. É um ato de guerrilha. A gente colocou os ganchos na mochila, entrou, pagou, passou na catraca e, dentro do vagão, fez a suspensão.

58 PU: Em qual linha?

59 Luciano Iritsu: Entramos na estação Sumaré e, primeiramente, fomos até Vila Madalena. Na volta fizemos a suspensão. O trajeto é bem longo. Quando chegamos ao Metrô Sumaré, resolvi ir até as Clínicas.

60 PU: Nenhum segurança do Metrô interferiu? Quando foi isto? Saiu na imprensa?

61 Luciano Iritsu: Não, ninguém apareceu. Foi, acho, em 2009 e não saiu na imprensa.

62 Almir da Silva Pinheiro: Tenho um amigo que fez uma perfuração no Shopping Dom Pedro, em Campinas. Eram três rapazes caminhando pelo shopping com camisas que tinham buracos. Imagine: as pessoas olhavam, davam risadas, faziam comentários maldosos. Em certo momento, os três encontraram-se em uma praça do shopping e

fizeram um cabo de guerra: colocaram os ganchos um nas costas do outro e começaram a puxar. Como eles estavam em três, tinha uma argola no meio e cada um puxava para um lado. Formou-se aquela roda de pessoas e aí vieram os seguranças. Na hora em que um dos seguranças resolve puxar um dos participantes este reage e diz “mas assim você vai rasgar as costas do meu amigo”. Imediatamente o segurança se afastou sem se dar conta de que eles já estavam puxando!

63 Luciano Iritsu: Por lei, se você estiver andando pelado na rua pode ser preso por atentado ao pudor. E isto, é atentado ao pudor?

64 PU: Não envolve exposição de genitália... O shopping é um espaço semipúblico, com um sistema segurança próprio. Há um controle que envolve, por exemplo, barrar a entrada de mendigos, de meninos de rua, mas não há detector de metais. Ocorrem assaltos nos estacionamentos, já houve tiroteio dentro de sala de cinema (lembram-se do caso do Shopping Morumbi?). Mas é um espaço vigiado. Um shopping procura reproduzir espaços e dinâmicas da cidade: ruas, alamedas, praças, serviços. E há os “olhos” que vigiam, câmeras, seguranças.

65 Luciano Iritsu: A gente faz suspensão em uma praça aqui em Pinheiros, na Rua Alves Guimarães, perto de uma escola e de um supermercado Pão de Açúcar.

66 PU: São intervenções-relâmpago?

67 Luciano Iritsu: Não, não é um evento. Às vezes estou aqui com um menino que trabalha comigo, o Enzo, com mais alguma pessoa e resolvemos fazer. A gente usa a suspensão de uma forma mais espiritual, por assim dizer. A suspensão leva a um estado psíquico mais aberto, a uma transcendência e isto faz bem para a mente.

68 PU: Que mudanças físicas ocorrem?

69 Luciano Iritsu: Produção de adrenalina e endorfina. Quando você vai se suspender, não é igual a fazer uma tatuagem ou piercing, que são procurados por um objetivo mais estético. A relação que o ser humano tem com a dor é um pouco confusa, pois sentimos dor em vários momentos e ela pode ser nossa amiga. Se a dor não existisse poderíamos até morrer por causa disto. Há tantas formas de dor: dor de frio, de fome, de amor. A dor na suspensão é só um detalhe: é preciso passar pela dor para ocorrer a superação. Passei oito anos antes de resolver me suspender, mas fazia suspensão nas pessoas. Faltava eu sentir isso. Mas é um amadurecimento. Você vê os processos do outro. Tem aqueles que querem se suspender para tirar foto e colocar no Facebook para os amigos verem.

70 Almir da Silva Pinheiro: Este ano tinha uma galera mais agressiva: soltaram bombas, jogaram garrafas no nosso palco...

71 Luciano Iritsu: Acho que isso tem uma relação com a intensidade do que a gente passou, o local e o horário. Estávamos perto da Galeria do Rock, havia vários bares abertos e o pessoal que sai para beber de madrugada na Virada Cultural é isso... É normal para um evento tão grande, com mais de quatro milhões de pessoas durante as 24 horas. A gente também contribuiu para tudo ficar mais intenso: havia um DJ colocando rock clássico ali na Galeria do Rock... O DJ entrava entre uma performance e outra, fazia aberturas de performances... Este ano ficamos na esquina da Rua Dom José de Gaspar com a Rua Vinte e Quatro de Maio, um espaço muito pequeno. Houve um momento na madrugada, duas horas da manhã, quando tivemos cerca de sete mil pessoas naquele cruzamento. Foi também a intensidade do som, porque a galera queria ouvir um rock. Teve a performance *O Bicho* da Adriane Gomes, da PUC. Ela entra com roupa social, faz alguns movimentos, depois fica nua. Vem uma artista plástica e a pinta. Ao final, ela entra em um casulo e se

transforma em um bicho. Neste momento jogaram duas garrafas no palco. Ela mesma falou que, ao se transformar em um bicho, evoca reações no outro. Em uma barata você pode pisar em cima...

- 72 Almir da Silva Pinheiro: Mas acho que soltar bombas ou jogar garrafas não foi uma coisa específica deste palco. Soltaram uma bomba perto do Teatro Municipal, outra perto do palco dos Mutantes, teve arrastão, briga.
- 73 Luciano Iritsu: A gente mexe com a população, tudo misturado, com algumas pessoas que nunca tiveram a oportunidade de assistir certas coisas, como shows grandes. Este ano teve Gilberto Gil...
- 74 Almir da Silva Pinheiro: Como é ouvir um mantra para alguém que nunca ouviu ou uma apresentação de gongo, não é?
- 75 PU: Vi a reação de um morador de rua no palco Sarau do Largo São Bento: ele gritava porque queria ouvir música e não poesia. Para ele aquilo era uma invasão do seu espaço, pois ali é a casa dele. Para nós é o contrário: a rua vira casa.
- 76 PU: Almir, você pode nos contar como foi a sua performance nesta Virada Cultural (2012)?
- 77 Almir da Silva Pinheiro: Faço performances esporadicamente. Venho de outra praia, do Hip Hop, do grafite, da arte de rua, mas sempre estive próximo da arte corporal. Fiz teatro amador. Tinha sido convidado para fazer suspensão e performance, mas achei que não era o momento. O trabalho com as rosas já existia em telas, por exemplo, uma rosa cravada com um prego. Em 2009, fui fazer um curso de Bodyart e transformei esta série em performance. O convite para participar da Virada Cultural de 2011 partiu de um amigo de Campinas, Filipe Espindola. Para a Virada de 2012, o Luciano entrou em contato comigo. Em 2011, senti falta de um entrosamento maior com o público. Em 2012, entrei sem camisa, descalço, carregando um maço com cerca de cinquenta rosas. No palco tinha uma mesa coberta por um tecido branco. Em cima da mesa, uma taça com água, folhas de papel em branco, canetas, lápis, giz de cera, bico de pena. O vermelho sempre aparece. Comecei a escrever primeiramente no papel e, depois, no corpo. O questionamento que fiz foi “para quem você dá amor?”. Quando se dá alguma coisa pode haver uma segunda intenção: doe uma blusa de frio porque é inverno e acredito que, em troca, vou para o céu. Quis romper com isso, ir além. Escrevi frases como “você dá atenção para um bêbado?”, “você dá atenção para uma criança de rua?”, “para quem você realmente dá amor?”, “isso que você dá é amor?”. Questionando e afirmando ao mesmo tempo: dê atenção para uma criança de rua. Estava falando de solidariedade.
- 78 PU: E não necessariamente para com o igual. Você sempre evoca o desconhecido, o estranho?
- 79 Almir da Silva Pinheiro: Sim. Depois transformei as frases em bilhetes, introduzi nas rosas e saí distribuindo. Uma das pessoas que recebeu uma rosa foi o Luciano (Iritsu). Ele veio e costurou uma rosa nas minhas costas. Fui para a rua com a rosa costurada nas costas. Antes da performance a gente fez um teste: quanto tempo levava para costurar a rosa, se o melhor lugar era nas costas, o número de pontos. Essa coisa da dor para mim acaba sendo algo racionalizado: é uma dor sobre a qual tenho controle e sei que vai passar. Se eu fizer outra performance mais agressiva do que me bater com rosas ou costurar em mim uma rosa, sei que a dor vai passar. Pode durar uma hora, duas. Mas, se morre meu cachorro, não tenho controle sobre a dor desta perda, não sei quando vai passar. Inclusive, quando fiz minha primeira performance coincidiu com um ano da morte de meu avô. Para mim aquilo doía muito mais do que me bater com as rosas.

- 80 Luciano Iritsu: É aceitar a dor para atingir um resultado.
- 81 Almir da Silva Pinheiro: Perguntam-me se dói. Se eu falar que não dói, estou mentindo. Só que uma picada de abelha dói muito mais. É a mesma dor da agulhada, mas a picada de abelha fica queimando.
- 82 Luciano Iritsu: E você não estava esperando aquilo, não queria aquilo. O resultado também não vai ser legal; vai inchar, inflamar.
- 83 Almir da Silva Pinheiro: Sabe o que mais doeu na minha primeira performance? Meu braço, por ficar batendo nas costas. Na segunda, doeu para tirar os pontos, porque o sangue coagula. Outra coisa que fiz foi escrever os bilhetes em um papel timbrado com meus contatos: algumas pessoas enviaram fotos, outras entraram no meu Facebook. Aconteceram coisas interessantes quando entreguei as rosas: um guarda não aceitou, outro quis; um rapaz pegou, mas deu para sua esposa e tive que dizer que era para ele. Teve gente que veio pedir uma rosa. Um garoto veio pedir para “dar para as mina”. Não dei. Uma senhora perguntou-me quanto custava.
-

AUTOR

LILIAN DE L. TORRES

Doutoranda Antropologia – USP